

Nos limites do apego

Pierre Tap

Se leu "A história dos octogenários: ajuda mútua e solidão", gostaria de salientar que os dois octogenários mencionados regressaram às suas casas e à sua vida privada. Queria mostrar como as quedas prolongaram a vida privada através da intervenção de exteme carers (respostas do bairro, hospitalização, cinesioterapia, refeições sobre rodas, etc.). Mas a história de dois outros octogenários mostrará como a doença pode intervir nas modalidades da vida comum.

Gostaria de retomar a história do diálogo telefónico entre dois. Isto é particularmente verdade quando uma delas tem uma crise de identidade e começa a perder as suas referências temporais e espaciais (já mencionadas em "O processo paradoxal da identisação" mas que infelizmente teve um resultado dramático).

Eis o verdadeiro diálogo vivido por Helene que me relatou fielmente, com grande emoção (Setembro de 2021).

Helene: "O telefone toca, eu atendo a chamada.

- Eu sou Sylvie, (não reconheço quem está a falar)
- Sylvie? Sylvie o quê?
- Eu sou Sylvie", repete a pessoa (ainda não reconheço a voz)
- Sylvie Redon? (Ela não responde directamente!)
- Estou a ligar para vos dizer que estamos em movimento!
- Ah, bem! Porque é que VOCÊ está em movimento?
- Não sei, eles não me disseram... Mas vamos para uma casa que é a mesma que esta. o mesmo que aqui! ... E Alain (o seu filho) vai viver não muito longe, no Sul! Não posso falar convosco por muito tempo ao telefone! Aqui está Jerome (o seu marido), ele quer falar consigo.

Jerome assume a comunicação

- Sylvie diz-me que se está a mudar?
- De modo algum! ela está a dizer disparates... hoje em dia não há dúvida disso! (dito com muita calma). Adeus!"

(O nome e apelidos foram alterados, é claro!)

A identificação, como uma articulação paradoxal entre identidade e projecto, está claramente em acção neste equivalente de sonho! A identidade pessoal é perturbada (ela não responde à questão da sua identidade), o projecto (mudar para o Sul) é paradoxalmente harmonizado pela identidade da casa (a casa no Sul é a mesma que aqui!) e pela manutenção da identidade materna (o seu filho está aqui mas também lá estará).

Evidentemente, as identificações não podem ser compreendidas sem os aspectos históricos, sem colocar as condições pessoais e contextuais, sem as dinâmicas emocionais que inevitavelmente acompanham qualquer conflito, qualquer crise.

P.S. Um ano mais tarde, Hélène informou-me com lágrimas da morte da sua amiga Sylvie, que tinha sido colocada num Ehpad reservado aos doentes de Alzheimer. A verdadeira mudança foi, portanto, a separação que Jérôme tentou evitar até ao fim. O seu casal era, segundo os seus amigos, muito "fusional" (com um *apego* muito forte). Jérôme cuida de tudo. Apesar da sua doença, Sylvie provavelmente compreendeu o que ia acontecer. Ela sai à noite enquanto Jérôme dorme, pedindo ajuda aos vizinhos, porque **eles** queriam "pô-la na prisão". Nas noites seguintes, para evitar que ela volte a sair, Jérôme amarra-a "de pulso a pulso". A meio do dia, ela escapou novamente. Ela foi encontrada na estrada que conduz à sua própria casa de família. O médico do casal repreendeu Jerome que, desesperado mas exausto, aceitou a colocação. A confusão mental tomou assim conta da fusão relacional. Três meses após a sua colocação, Sylvie teve uma queda fatal. Muitos amigos acompanharam-na até ao seu local de descanso final.